

recuperada. Não há evidência de que fosse promíscua, muito menos uma prostituta. O fato de que era rica fica evidente por sua capacidade de sustentar Jesus financeiramente. Sua clara liderança entre as mulheres dificilmente reflete um passado duvidoso. Certamente não há base para identifica-la com a mulher pecadora anônima de Lucas 7.37. De outra forma, o costume do NT em geral a manteria anônima.

A proeminência de Maria Madalena como líder é vista no fato de que seu nome é mencionado com mais frequência e em geral em primeiro lugar. Muitas referências mostram que ela foi libertada de espíritos malignos ou enfermidades (Lc 8.2), seguiu Jesus da Galiléia e o servia (Mt 27.56), observou a crucificação de longe (Mc 15.40), ficou ao pé da cruz (Jo 19.25), localizou e observou o túmulo (Mt 28.1; Mc 15.47; Mt 27.61); foi cedo ao sepulcro com as especiarias (Mc 16.1; Jo 20.1), sendo a primeira a ver o Senhor ressuscitado (Mc 16.9) e relatou a ressurreição aos discípulos (Lc 24.10; Jo 20.18).

BIBLIOGRAFIA. S. Andrews, *The Life of our Lord Upon the Earth* (1862), 281-286, 596-612; J. Lange, *The Life of the Lord Jesus Christ* (1872), I, 441; II, 258, 259, 489; III, 21-23, 365-367; IV, 253, 254, 470, 471; A. Edersheim, *Life and Times of Jesus the Messiah* (1883), I, 571; C. Pfeiffer, *Baker's Bible Atlas* (1961), 204, 206; E. Bishop, "Mary (of) Cléopas and her Father" ET 73/11 (1962), 339.

W. T. DAYTON

## MARIA, EVANGELHO DO NASCIMENTO

**DE.** Um relato latino do nascimento e infância de Maria, incluído entre as obras atribuídas a Jerônimo (PL XXX, 307ss.); na verdade é uma edição mais curta e melhorada da primeira parte do Evangelho do Pseudo-Mateus (q.v.), o qual, por sua vez, é baseado no Protevangelio de Tiago (q.v.). Há uma certa ironia na atribuição, em vista da acentuada oposição de Jerônimo a tais literaturas apócrifas.

O texto começa com os pais de Maria, Joaquim e Ana e conta sobre a vida irrepreensível que levavam. Depois que o sumo sacerdote Issacar (no Protevangelio e Pseudo-Mateus o nome é Ruben) rejeitou a oferta de Joaquim, porque este não tinha filhos, ele se retirou para cuidar do seu rebanho; entretanto, um anjo apareceu a ele e a Ana. O documento, então, relata o nascimento de Maria, sua apresentação no Templo e sua criação ali. Aos catorze anos de idade, as virgens que residiam no

Templo tinham de casar, mas Maria estava relutante. Um concílio convocado pelo sumo sacerdote decidiu buscar direção divina, o que logo ocorreu. José (aqui não um viúvo, como no Protevangelio, embora de idade avançada) foi escolhido por meio de um sinal miraculoso e os dois ficaram noivos. José foi para Belém, enquanto Maria retornou para a casa dos pais na Galiléia, onde ocorreu a Anunciação. Ao retornar, José encontra Maria com um filho, mas em sua perplexidade é acalmado por um anjo. O documento termina com uma breve declaração sobre o nascimento de Jesus.

Este esboço é suficiente para revelar a afinidade do documento com os primeiros capítulos do Protevangelium. A referência ao casamento anterior de José foi removida como herético (segundo Jerônimo, os "irmãos" de Jesus eram primos), bem como os elementos considerados ofensivos (ex., o episódio da parteira). O livro é mais antigo do que o *Decretum Gelasianum*, do 6º séc., que não o menciona, mas é citado no final do séc. 10 por Fulbert de Chartres. Já foi argumentado que o autor foi Paschasius Radbertus, abade de Corbie no 9º séc. (veja *Rev. Bénédictine* 46 [1934], 265ss.). Por meio de sua incorporação na *Lenda Dourada* de James de Voragine (1298), a obra teve grande circulação.

BIBLIOGRAFIA. Tradução na Ante-Nicena, *Christian Library* XVI (1870); veja também Amann, *Le Protévangile de Jacques et ses remaniements latins* (1910).

R. McL. WILSON

**MARIA, MÃE DE JESUS** (Μαρία, Μαριάμ, derivado do hebraico מרה *amargo*).

### I. Informações bíblicas

1. Linhagem
2. O noivado
3. A anunciação
4. A visita a Isabel
5. Narrativas do nascimento e infância
6. Vida em Nazaré
7. Incidentes durante o ministério de Cristo
8. No Calvário
9. Depois da ressurreição

### II. Tradições eclesásticas

1. A adoração a Maria
2. Mãe de Deus
3. Virgindade perpétua
4. Imaculada concepção
5. Assunção física

## I. INFORMAÇÕES BÍBLICAS

**1. Linhagem.** Em Lucas 1.36, Maria é chamada de parente de Isabel, filha de Arão (Lc 1.5). Isso pode sugerir que Maria também pertencia à tribo de Levi, conforme indicado no Texto XII Pat (*Simeon vii*), mas outras indicações argumentam fortemente que ela, como José, era da linhagem real. A frase, “da casa de Davi” em Lucas 1.27 pode se aplicar tanto a “virgem” como a “homem”. As referências à casa de Davi por Isabel e Zacarias (Lc 1.32,69) e a aclamação pública freqüente, e não questionada por Jesus, pelo título de “Filho de Davi” (Mt 9.27; 15.22; 20.30,31; Mc 10.47,48) implica que, pelo lado da sua mãe, bem como de seu pai, ele pertencia à linhagem de Davi. O texto siríaco sinaítico de Lucas 2.4 diz: “Porque eles eram ambos da casa de Davi”. É improvável, porém, que Lucas 3.23-38 dê uma genealogia de Maria, como alguns imaginam. O *Proto-evangelho de Tiago* chama seus pais de Joaquim de Nazaré e Ana de Belém. O único membro de sua família, mencionado na Escritura, é sua irmã (Jo 19.25). Comparações com Marcos 15.40 e Mateus 27.56 torna quase certo que se tratava de Salomé, esposa de Zebedeu, caso em que Tiago e João eram primos de Jesus. A sugestão alternativa, que identifica “a irmã de sua mãe” com “Maria mulher de Cléopas”, envolve a hipótese mais improvável, de que as duas irmãs tivessem o mesmo nome.

**2. O noivado.** Maria cresceu em Nazaré e provavelmente ainda era uma adolescente quando ficou noiva. A *História do Carpinteiro José*, do 4º séc., diz que ela estava com doze anos de idade quando ficou noiva de José, um viúvo de noventa anos de idade com filhos crescidos. O quadro bíblico, porém, sugere um homem jovem entrando no primeiro casamento. Segundo o costume judaico, o noivado era equivalente ao casamento. Uma declaração era feita à noiva em vista, à qual era dado um presente, como penhor, na presença de testemunhas; ou então, era feita uma declaração por escrito. A partir daquele momento a mulher era chamada de “esposa”; se o noivo morresse antes do casamento ser consumado, ela se tornava viúva e o costume do levirato podia ser aplicado. Ela não podia cancelar o compromisso do noivado, exceto por meio de carta de divórcio e qualquer relação sexual durante o período do noivado era considerado adultério. No caso de uma virgem, o noivado durava cerca de um ano.

**3. A anunciação** (Lc 1.26-38). Durante este período de noivado, o anjo Gabriel apareceu a Maria, saudando-a com as palavras: “Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo”. A saudação *κεχαριτωμένη* significa que Maria tinha recebido graça e não, que tinha graça a oferecer. A cláusula seguinte pode ser interpretada como um desejo, “o Senhor esteja contigo” ou uma declaração definindo a graça que Maria tinha recebido. As palavras adicionais na ARC “bendita és tu entre as mulheres” têm o suporte de alguns manuscritos, mas é mais provável que seja uma glosa das palavras de Isabel (Lc 1.42). Maria ficou intrigada com a saudação e evidentemente assustada, pois o anjo continuou, dizendo que não tivesse medo, que ela conceberia e daria à luz um filho a quem deveria chamar Jesus. Ele seria chamado Filho do Altíssimo e, como descendente de Davi, reinaria sobre Israel para sempre. Maria fez a pergunta natural: “Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?”. Sua réplica não indica dúvida ou incredulidade em relação à mensagem, como aconteceu com Zacarias (Lc 1.18), mas sim perplexidade em relação ao método do cumprimento.

Gabriel respondeu: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus”, confirmando assim a concepção virginal. A crença no Nascimento Virginal de Cristo depende quase exclusivamente dos registros de Mateus e Lucas. Não há referência a ele no resto do NT. Em Gálatas 4.4, Paulo escreve que Jesus nasceu de uma “mulher” (γυνή) em vez de usar a palavra “virgem” (παρθένης). Entretanto, seu ponto é a real humildade de Cristo e não o estado conjugal de sua mãe. A tradução alternativa de Mateus 1.16, dada em alguns manuscritos, “José, com quem a virgem Maria estava noiva, gerou a Jesus, chamado Cristo”, certamente é um erro de edição, repetindo a fórmula dos versículos anteriores. Em qualquer caso, seria impossível tomar a palavra “gerar” no sentido biológico normal, no mesmo versículo que descreve Maria como “virgem”. As referências a José como pai de Jesus (Mt 13.55; Lc 2.33,48) implica a posição familiar e social que ele ocupava e não a paternidade física.

O anjo então disse a Maria que Isabel, na velhice, tinha concebido um filho seis meses antes, “Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas”. Muitas coisas ficam implícitas nas palavras de humilde aceitação de Maria: “Aqui está a serva do Senhor; que se

cumpra em mim conforme a tua palavra”. Era a aceitação humilde do constrangimento, suspeita e incompreensão que sem dúvida se seguiriam, por parte daquela jovem simples.

**4. A visita a Isabel** (Lc 1.39-56). Pouco tempo depois da partida do anjo, Maria foi visitar Zacarias e Isabel. Lucas afirma apenas que moravam numa cidade nas montanhas de Judá. A tradição identifica a cidade como ‘Ain Karim, uma vila a cerca de 6 km a oeste de Jerusalém. Se assim for, Maria viajou cerca de 15 km desde Nazaré. Ao entrar na casa, ela ficou surpresa com a saudação de Isabel: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre”, dirigindo-se a ela não como parente, mas como “a mãe do meu Senhor”. Sem dúvida as promessas que recebera por intermédio de Zacarias teriam enchido Isabel de esperança pelo breve advento do Messias; agora havia o sinal físico do movimento do bebê em seu ventre e a inspiração do Espírito Santo (v.41), levando-a a reconhecer aquele que estava para nascer e a pronunciar bênção sobre a mãe que creu na mensagem de Deus.

O cântico que segue é atribuído a Isabel por três manuscritos OL e pelo Niceta de Remesiana; no entanto, todos os manuscritos gregos e muitos latinos, bem como quase todas as referências patrísticas, consideram-no como sendo de Maria. O *Magnificat* é mais calmo e majestoso do que a exclamação agitada de Isabel e segue o modelo dos Salmos do AT, principalmente o cântico de Ana (1Sm 2.1-10). Trata-se de uma meditação em quatro estrofes. As duas primeiras apresentam o louvor pessoal de Maria, bem como a razão para ele; a terceira fala dos propósitos maiores de Deus ao moldar a história humana; a última retorna ao cumprimento imediato da misericórdia de Deus prometida a Israel. O tema geral é o da graça de Deus ao lidar com o humilde e com o pobre, enquanto ele mostra seu grande poder contra os ricos e poderosos. Maria ficou três meses com Isabel, com toda probabilidade até o nascimento e circuncisão de João (Lc 1.57-79).

**5. Narrativas do nascimento e infância.** Provavelmente foi algum tempo depois do retorno de Maria a Nazaré que ela “achou-se grávida pelo Espírito Santo” (Mt 1.18). José, sendo um homem justo e bondoso, planejou divorciar-se dela sem alarde, em vez de expô-la à desgraça pública; no entanto, foi tranquilizado pela mensagem de um anjo, por meio de sonho, de que o bebê de Maria fora concebido pelo Espírito Santo. Ele

foi instruído, como Maria já fora antes (Lc 1.31) a colocar no bebê o nome de Jesus (“*Yahweh* é salvação”), “pois ele salvará seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21). Imediatamente José levou Maria para sua casa como sua esposa, mas só teve relação sexual com ela depois do nascimento de Jesus (Mt 1.25).

Se tivéssemos somente o relato de Mateus, pensaríamos que José e Maria moravam em Belém; Lucas, porém, deixa claro que o nascimento de Jesus ocorreu em Belém só por causa do recenseamento, que levou seus pais à cidade natal dos seus ancestrais. A exatidão de Lucas tem sido questionada com base no fato de que não há registro de um censo na época do nascimento de Jesus; ninguém seria obrigado a viajar 130 km para preencher um pedaço de papel; o censo feito quando Quirino era governador da Síria foi em 6-7 d.C., muito tempo depois do nascimento de Jesus. A conclusão é que Mateus e Lucas trouxeram Belém à cena somente para que o registro cumprisse a profecia de Miquéias 5.2.

Ramsay discute esta questão cuidadosamente em seu livro *Was Christ born at Bethlehem?* Ele extrai evidências do Papiro Egípcio, de que um censo foi realizado no mundo romano a cada catorze anos, de modo que um tinha sido feito por volta de 8-7 a.C. e, de alguma forma, foi postergado na Palestina. Num censo em 104 d.C., requereu-se que pessoas do Egito retornassem à sua cidade natal para o alistamento. Quando Quirino foi nomeado governador da Síria, em 6 d.C., esta foi sua segunda nomeação; ele pode bem ter sido um embaixador adicional de Sertius Saturninus, na época do censo anterior. Portanto, parece não haver razão válida para se rejeitar a historicidade da clara afirmação de Lucas sobre as circunstâncias do nascimento de Jesus.

O censo explicaria a escassez de acomodações em Belém. A “hospedaria” (κατάλυμα), provavelmente apenas um alojamento, estava cheia. Em algum lugar nas proximidades, provavelmente numa caverna (segundo alguns evangelhos apócrifos), Jesus nasceu e foi deitado numa “manjedoura” (φάτνη) — não um estábulo, mas um tabuleiro onde se colocava comida para os animais.

Nos campos, um grupo de pastores vigiava os rebanhos durante a noite. As ovelhas eram muito necessárias para os sacrifícios do Templo em Jerusalém, a apenas 9 km de distância. Informados sobre o nascimento, eles foram à cidade e encontraram o bebê enfaixado e deitado na manjedoura; excitados, repetiram a mensagem que tinham recebido. Para os outros, as palavras dos pastores



foram maravilhosas, mas passageiras; “Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração” (Lc 2.19).

No relato de Mateus não há indicação de quanto tempo, depois do nascimento, os sábios, ou magos (μάγοι) chegaram, seguindo a estrela que tinham visto no Oriente, procurando aquele que tinha nascido rei dos judeus (Mt 2.1-12). As perguntas deles em Jerusalém perturbaram o rei Herodes, que perguntou aos principais sacerdotes e escribas qual seria o local de nascimento do Messias, enviando a seguir os magos a Belém. Neste ponto, a sagrada família estava numa casa, onde os magos ofereceram seus presentes de ouro, incenso e mirra. Isso pode ter ocorrido antes ou depois da circuncisão, que ocorreu no oitavo dia, quando o bebê recebeu o nome dado pelo anjo, Jesus. Eles ficaram nos arredores de Jerusalém até que outros dois requisitos da lei foram cumpridos. Para cada filho primogênito, um preço de resgate de cinco siclos de prata, cerca de US\$ 3,65, ou o salário de dez dias de trabalho, tinha de ser pago no Templo um mês após o nascimento. Então, 41 dias depois do nascimento de um menino, era realizada a cerimônia da purificação da mãe (Lv 12.2-4). Por conveniência, as duas cerimônias geralmente eram combinadas em uma visita ao Templo, como foi o caso aqui. A oferta pela purificação da mãe era um cordeiro e uma rola ou pombinho. José e Maria fizeram a oferta alternativa permitida a pessoas pobres demais para oferecer um cordeiro: duas rolas ou pombinhos (Lc 2.24).

Durante a apresentação no Templo, dois velhos santos entraram e louvaram a Deus ao reconhecerem o bebê Redentor. Simeão tomou o bebê nos braços e bendisse a Deus pelo dom da salvação no *Nunc Dimittis* (Lc 2.29-32). Depois, abençoou os pais e profetizou a Maria que o menino seria a causa da queda de muitos, e da elevação de muitos outros em Israel. Falariam contra ele e ele revelaria os segredos dos corações dos homens. Quanto à própria Maria, uma espada atravessaria sua alma, quando visse como seu filho seria tratado. A profetisa Ana, viúva há muito tempo, de 84 anos de idade, também deu graças a Deus e falou com as outras pessoas sobre o bebê.

O relato de Lucas sugere que a família retornou imediatamente a Nazaré (Lc 2.39), mas Mateus conta que, depois da partida dos magos, José foi alertado por um anjo num sonho e fugiu às pressas durante a noite para o Egito, levando Maria e Jesus; ficaram ali, em segurança, até depois da morte de Herodes, por volta de março do ano 4 d.C. Nenhuma indicação é dada sobre o tempo

que permaneceram no Egito, ou o local exato onde ficaram. Antigas lendas dizem que passaram dois anos em Matareeh, a poucos quilômetros a nordeste do Cairo, mas outros sustentam que foi uma permanência curta, de um ou dois meses. Depois disso, eles retornaram para Israel, e, evitando a Judéia onde agora reinava Arquelau, estabeleceram-se em Nazaré.

**6. Vida em Nazaré.** O desenvolvimento de Jesus é descrito no relato curto e enaltecido, de Lucas, como o de um garoto inteiramente normal (Lc 2.40-52). Os três formavam um piedoso lar judaico, onde Jesus aprendeu as Escrituras, a obediência reverente aos pais e o amor a Deus. Todos os anos, a família viajava a Jerusalém para celebrar a Festa da Páscoa. Foi durante uma dessas visitas anuais que Jesus, com doze anos de idade, assumiu as responsabilidades de um “filho do mandamento” e ficou para trás, sendo encontrado três dias depois no Templo, ouvindo os mestres e fazendo perguntas inteligentes e perspicazes. Maria estava atônita e indignada quando o repreendeu: “Filho, por que fizeste assim conosco? Teu pai e eu, aflitos, estamos à tua procura”. Sua resposta (“Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?”), por sua vez, foi uma gentil repreensão. Maria devia ter reconhecido sua missão divina.

O lar em Nazaré era cheio de meninos e meninas, pois José e Maria tiveram pelo menos seis outros filhos (Mc 6.3). Jesus, como o mais velho, seguiu a profissão do pai, como carpinteiro. A partir do total silêncio do relato dos Evangelhos, podemos concluir que José morreu antes de Jesus ter iniciado seu ministério público; a lenda diz que ele morreu com 80 anos de idade. Se assim for, durante muitos anos Jesus dividiu com a mãe viúva a responsabilidade de criar os membros mais jovens da família, o que poderia explicar porque só entrou no ministério público com quase trinta anos de idade (Lc 3.23).

**7. Incidentes durante o ministério de Cristo.** Maria estava presente no casamento em Caná, ao qual Jesus e seus discípulos foram convidados. Evidentemente Maria tinha certa responsabilidade nos preparativos, talvez como parente. Quando o suprimento de vinho acabou, ela informou o fato a Jesus. Talvez quisesse apressar sua manifestação pública; isso explicaria a gentil reprimenda nas palavras de Jesus, que provavelmente queria dizer: “Mulher, você não tem o direito de determinar minha missão. Ainda



Vista de Nazaré do lado leste e de uma antiga trilha de cavaleiros que levava ao Mar da Galiléia. Maria morou aqui antes e depois do nascimento de Jesus. © M.P.S.



não chegou a minha hora para uma manifestação aberta”. Assim nosso Senhor estabeleceu sua independência e autoridade única para cumprir sua tarefa dada por Deus. Maria aceitou, saindo de cena depois de instruir os servos a obedecerem às ordens de Jesus (Jo 2.1-5). Parece que depois disso Maria e os irmãos de Jesus fixaram residência em Cafarnaum, junto com Jesus (Jo 2.12), enquanto suas irmãs, provavelmente casadas, permaneceram em Nazaré (Mc 6.3). Normalmente eles não o acompanhavam em suas viagens ministeriais, mas numa ocasião, talvez temendo por sua segurança, entraram no meio da multidão, procurando por ele (Mt 12.46-50; Mc 3.31-35; Lc 8.19-21). É quase certo que a frase οἱ πατρὸς αὐτοῦ em Marcos 3.21 signifique “sua família” (de acordo com Swete, Cranfield); se assim for, a reação deles a Jesus na ocasião foi dizer: “Está fora de si” e procuravam controlá-lo. A resposta de Jesus, quando foi informado de que sua família o estava chamando, indica que achava que não estavam fazendo a vontade de Deus; aqueles que a fazem são seus verdadeiros irmãos. A única outra referência a Maria, durante o ministério de Jesus, é o clamor de uma mulher desconhecida na multidão: “Bem-aventurada aquela que te concebeu e os seios que te amamentaram!” (Lc 11.27). Novamente, nesta ocasião, Jesus enfatizou que a relação física com ele não conferia bênção, mas sim a obediência à mensagem de Deus.

**8. No Calvário.** Somente João afirma que Maria estava presente na crucificação e que Jesus a colocou sob os cuidados do discípulo amado com essas palavras: “Mulher, eis aí o teu filho!” e “Eis aí tua mãe” (Jo 19.26,27). Por que Jesus entregou Maria aos cuidados de um sobrinho e não de um dos seus próprios filhos? Pode ter sido porque seus irmãos ainda não acreditavam nele (Jo 7.5), ou porque eram casados (1Co 9.5) e João era solteiro. Ou pode ser que Jesus queria apenas que João a retirasse da cena trágica da crucificação e ele fez isso naquele momento. No entanto, a tradição diz que ela morou o resto de sua vida com João, em Jerusalém ou acompanhando-o a Éfeso.

**9. Depois da Ressurreição.** A única outra menção a Maria é depois da Ascensão, quando, agora em Jerusalém (junto com os filhos), uniu-se aos onze apóstolos, para orar, enquanto eles esperavam o dom prometido do Espírito Santo (At 1.14). Talvez tenha sido a aparição do Cristo ressuscitado a Tiago (1Co 15.7), que levou os irmãos do Senhor à fé que eles notadamente não

tinham durante seu ministério e levou Maria à plena convicção. Sem dúvida, todos eles integravam o grupo de 120 pessoas (At 1.15), presentes na escolha de Matias como apóstolo, no lugar de Judas, e que foram cheias do Espírito Santo no dia de Pentecostes (At 2.1-4).

## II. TRADIÇÕES ECLESIÁSTICAS

**1. Adoração a Maria.** Não há nenhum traço, no NT, de veneração prestada a Maria. Jesus advertiu expressamente contra tal coisa (Lc 11.27,28). Pelo contrário, o quadro de Maria, dado no NT, é de uma mulher humilde de um vilarejo, a qual tipifica tudo o que há de mais nobre e fino nas mulheres judias. Sua pureza, simplicidade, profunda sensibilidade espiritual e completa obediência a Deus se destacam; o cuidado com que treinou o filho em seus primeiros anos de vida, sua total confiança nele, demonstrada no incidente em Caná, sua profunda lealdade, como mostrado em sua presença no Calvário, apesar de parecer que houve momentos em que ela não o compreendia plenamente, tudo a preparou para a posição que assumiu entre os primeiros discípulos, reconhecendo Jesus como Senhor e Cristo (At 2.36). Não há nenhuma evidência de orações feitas, ou adoração oferecida a Maria durante os primeiros quatro séculos. O culto posterior de adoração a Maria se desenvolveu sobre o tênue fundamento de três passagens em Lucas — a saudação de Gabriel, “Alegra-te, muito favorecida!” (Lc 1.28); a saudação de Isabel: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre!” (v.42) e as palavras gratas de Maria no *Magnificat*: “contemplou na humildade da sua serva. Pois desde agora todas as gerações me considerarão bem-aventurada” (v.48). Essas passagens enfatizam o privilégio elevado e único, concedido a esta jovem especialmente escolhida, mas de forma alguma sugerem que adoração devia ser-lhe oferecida, a qual pertence somente a Deus. Acerca dos breves detalhes bíblicos de sua vida, tem sido tecida uma intrincada rede de lendas, na maior parte fictícias e duvidosas e sobre isso foi construída uma complexa estrutura de dogmas que se desenvolveram e cresceram através dos séculos. Há quatro doutrinas principais baseadas nesses dogmas.

**2. Mãe de Deus.** Nos 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> sécs. surgiram controvérsias em torno da propriedade de se aplicar o termo θεοτόκος, “geradora de Deus” ou “mãe de Deus”, para Maria. O título tencionava confirmar a plena divindade de Cristo. Nestorios

propôs o termo menos explícito *χριστοτόκος*, mas ele, juntamente com seus outros ensinamentos, foi condenado no Concílio de Éfeso, em 431 d.C., onde foi afirmado que em Cristo não havia duas pessoas, mas apenas uma; “o perfeito Deus existente, feito ao mesmo tempo homem perfeito, feito carne da Virgem”. A expressão, então, não significa mãe da natureza divina. Neste entendimento, as confissões luterana e reformada, da época da Reforma, permitiram o termo, mas ele nunca foi popular entre os Protestantes. No pensamento da comunidade católica romana, é nesta condição de mãe de Deus que Maria é chamada de mediadora, e não, para tomar o lugar de Cristo, como único mediador entre Deus e o homem (1 Tm 2.5), mas para intermediar entre Cristo e a humanidade, como fez em Caná (Jo 2.3).

**3. Virgindade perpétua.** A frase “nascido da Virgem Maria”, usada no Credo Apostólico, é mantida para implicar não somente que Maria era virgem quando concebeu, mas também “no nascimento e depois do nascimento”. O apócrifo *Proto-evangelho de Tiago* afirma que Jesus nasceu miraculosamente, deixando a virgindade de Maria intacta. Sustenta-se que as palavras de Maria a Gabriel, “não tenho relação com homem algum” (Lc 1.34) indicam que ela estava sob voto de perpétua virgindade, sendo assim difícil explicar por que antes tinha ficado noiva de José. Quanto aos irmãos e irmãs do Senhor, são considerados como filhos de José, de um casamento anterior (a visão dos evangelhos apócrifos, geralmente chamada de visão *Epifaniana*, devido à argumentação de Epifânio em 382 d.C.), ou primos, filhos de Cléopas e da irmã da virgem, que também se chamava Maria (conceito *Hieronimiano*, segundo Jerônimo, por volta de 383 d.C.).

Esta doutrina não tem apoio explícito no NT e a aplicação de textos do AT, tais como Cantares 4.12 e Ezequiel 44.2 a Maria, é injustificável. Embora o emprego das palavras “antes” (Mt 1.18), “enquanto” (v.25) e “primogênito” (Lc 2.7) possa não ser, em si, absolutamente convincente, concorda com as freqüentes referências no NT aos irmãos de Jesus, indicando que depois de um nascimento perfeitamente normal (Lc 2.5), Maria viveu com José como marido e esposa, e experimentou a bênção de ter uma grande família (conceito *Helvidiano*, segundo Helvidius, 380 d.C.). Não fosse pela pressão de um ascetismo, que naqueles primeiros séculos considerava o celibato como um estado eticamente superior do que o casamento, e toda relação sexual como parte inerente da carne pecaminosa, certamente

nenhuma outra interpretação jamais teria sido cogitada. *Veja NASCIMENTO VIRGINAL.*

**4. Imaculada Conceção.** Agostinho foi o primeiro teólogo notável a declarar que Maria era isenta do pecado atual (*Natureza e graça*, cap. 36). Teólogos posteriores discutiram se ela era isenta não somente do pecado atual, mas também do pecado original, como Eva em sua inocência. Tomás de Aquino ensinava que, embora Maria tivesse contraído o pecado original, mediante o poder miraculoso de Deus, a “inflamação do pecado tornou-se inofensiva” e depois completamente removido, por ocasião da concepção de Cristo. Duns Scotus opunha-se a esta visão, e ensinava que ela foi preservada imaculada de toda mancha do pecado original, no instante da sua concepção. Esta idéia foi promulgada como dogma Católico Romano, pelo Papa Pio IX, em 1854.

**5. Assunção física.** As mais antigas versões dessa lenda são do 4º séc. e mostram detalhes extremamente variados; o aspecto comum é que Maria foi miraculosamente transportada por Jesus, de corpo e alma, ao céu. A lenda não tem evidência histórica, não tem base bíblica e contraria todos os escritos remanescentes dos três primeiros séculos. No entanto, a “Festa da Assunção” há muito tempo é observada em 15 de agosto, no calendário cristão e a “Assunção da bendita Virgem” foi proclamada como parte do dogma Católico Romano oficial, pelo Papa Pio XII, em 1950.

BIBLIOGRAFIA. T. de Aquino, *Summa Theologiae* III (1273) 27-30; A. Plummer, *St. Luke*, ICC (1896); W. M. Ramsay, *Was Christ Born at Bethlehem?* (1898); M. R. James, *The Apocryphal NT* (1924), 38-49, 194-227; J. G. Machen, *The Virgin Birth of Christ* (1930); J. J. Lilly, “Jesus and His Mother During the Public Life”, CBQ (1946); V. Taylor, *The Gospel According to St. Mark* (1952), 247-249; J. B. Carol, org., *Mariology*, 3 vols. (1955 et. seq.); C. E. B. Cranfield, *The Gospel According to St. Mark*, CGT (1966), 133-135; G. A. F. Knight, “The Protestant World and Mariology”, *SJT* 19, 1 (1966).

D. G. STEWART

## MARIA, NASCIMENTO (OU DESCIDA) DE.

Um documento gnóstico conhecido somente a partir de sua menção por Epifânio (*Heresies* XXVI. 12.1-9). Ele identifica o Zacarias de Mateus 23.35 com o pai de João Batista, e diz que ele foi morto porque contou sua visão no Templo (Lc 1.9-12) de um homem que tinha a forma de um asno. Isso